



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – DCHT
CAMPUS XXIII - SEABRA
LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

JANAÍNA RIBEIRO DOS SANTOS

**ENTRE A DOR E A RESISTÊNCIA: O FEMINICÍDIO NO ROMANCE *PONCIÁ*
VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

SEABRA – BA

2025

JANAÍNA RIBEIRO DOS SANTOS

**ENTRE A DOR E A RESISTÊNCIA: O FEMINICÍDIO NO ROMANCE *PONCIÁ
VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Silva Souza.

SEABRA – BA

2025

TERMO DE ANUÊNCIA DO ORIENTADOR

Declaro para os devidos fins que li e revisei este trabalho e atesto sua qualidade como resultado final deste artigo. Confirmando que o referencial teórico apresentado é completo e suficiente para fundamentar os objetivos propostos e que a metodologia científica utilizada e os resultados finais são consistentes e com qualidade suficiente para submissão à banca examinadora final do Trabalho de Conclusão de Curso I do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas.



Documento assinado digitalmente

JOSANE SILVA SOUZA

Data: 03/02/2026 10:41:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Josane Silva Souza Orientador (a)


JANAÍNA RIBEIRO DOS SANTOS

ENTRE A DOR E A RESISTÊNCIA: O FEMINICÍDIO NO ROMANCE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso Letras - Língua Portuguesa e Literaturas


Aprovada em: 22 de dezembro de 2025.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **JOSANE SILVA SOUZA**
Data: 03/02/2026 10:41:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Josane Silva Souza
Orientadora

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Documento assinado digitalmente
 **ODAILTA ALVES DA SILVA**
Data: 03/02/2026 10:55:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Odaílta Alves
Avaliadora

Universidade Federal do Pernambuco / SEC-PE

Documento assinado digitalmente
 **MICHEL SILVA GUIMARAES**
Data: 03/02/2026 11:37:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Michel Silva Guimarães
Avaliador

Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro, a Deus, por ter me mantido na trilha certa durante o desenvolvimento desta pesquisa, com saúde e forças para chegar até o final.

Aos meus pais, Agnaldo e Miriam, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

Ao meu marido Jadson, pela compreensão e paciência demonstrada durante o período do TCC. E ao meu filho Benício, que é a razão para eu seguir meus sonhos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Josane Silva Souza, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

Aos professores que compõem a banca deste estudo, Profa. Ma. Odaílta Alves e Prof. Dr. Michel Silva Guimarães, obrigada pela gentileza em aceitar o convite e partilhar conhecimentos.

A todos os meus professores do curso de Letras vernáculas, da Universidade do estado da Bahia (UNEB), pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Ao meu irmão Elves e a Kelson, meu irmão de Coração.

À família do meu esposo, na pessoa da minha sogra, Rosângela, que me apoiou nesse período.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho, manifesto minha gratidão!

“A gente combinamos de não morrer”

(Conceição Evaristo, 2015)

SUMÁRIO

	Resumo.....	7
	Abstract.....	7
1	INTRODUÇÃO.....	8
2	AS MÚLTIPLAS FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	13
2.1	A violência cotidiana nas manchetes: Ecos da realidade em Ponciá Vicêncio	16
2.2	Vó Vicência: A matriarca silenciada pela violência.....	18
2.3	A história de Bilisa: Corpo, trabalho e vulnerabilidade feminina.....	19
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
4	REFERÊNCIAS.....	24

ENTRE A DOR E A RESISTÊNCIA: O FEMINICÍDIO NO ROMANCE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Resumo: Este artigo analisa as relações entre feminicídio, violência de gênero e racialidades a partir das *escrevivências* de Conceição Evaristo, a *escrevivência* se configura como um gesto político de escrita protagonizado por mulheres negras, tomando como corpus o romance *Ponciá Vicêncio* (2003). Parte-se do entendimento de que a literatura constitui um espaço privilegiado de articulação entre ficção e realidade social, especialmente quando se trata da representação de violências historicamente naturalizadas na sociedade brasileira. O problema central que orienta o estudo consiste em investigar de que modo as *escrevivências* de Evaristo articulam raça, gênero e violência contra a mulher na representação do feminicídio, evidenciando a produção histórica da vulnerabilidade dos corpos femininos negros. Nesse sentido, o objetivo central é analisar como o feminicídio é representado em *Ponciá Vicêncio*, considerando suas inter-relações com a violência de gênero e as racialidades, compreendendo a obra como um dispositivo de denúncia e resistência às estruturas patriarcais e racistas. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, ancorada na análise literária do romance, com ênfase em três episódios de violência que culminam em mortes na narrativa, relacionados às personagens Vó Vicência, Ponciá e Bilisa. A análise dialoga com estudos teóricos de caráter interdisciplinar, sobretudo com o feminismo negro, além de estabelecer aproximações entre a narrativa ficcional e reportagens jornalísticas contemporâneas sobre violência contra a mulher. Conclui-se que *Ponciá Vicêncio* ultrapassa os limites da ficção ao ressignificar violências reais, contribuindo para a construção de uma consciência crítica acerca do feminicídio e reafirmando a centralidade da memória, da voz e da resistência das mulheres negras no enfrentamento das desigualdades de gênero e raça.

Palavras-chave: Feminicídio; *Escrevivência*; Resistência feminina

Abstract: This article analyzes the relationships between femicide, "Femicide is the crime committed against women because they are women." gender-based violence, and racialities through the lens of Conceição Evaristo's *escrevivências*. In this context, "*escrevivência*" (a term coined by Black women) emerges as a political act of writing led by Black women, taking the novel *Ponciá Vicêncio* (2003) as its corpus. It is grounded in the understanding that literature constitutes a privileged space for articulating fiction and social reality, particularly with regard to the representation of forms of violence that have been historically naturalized in Brazilian society. The central problem guiding the study is to investigate how Evaristo's *escrevivências* articulate race, gender, and violence against women in the representation of femicide, thereby revealing the historical production of vulnerability affecting Black female bodies. In this sense, the main objective is to analyze how femicide is represented in *Ponciá Vicêncio*, considering its interrelations with gender-based violence and racialities, and understanding the work as a device of denunciation and resistance to patriarchal and racist structures. Methodologically, the study is based on qualitative bibliographic research anchored in the literary analysis of the novel, with emphasis on three episodes of violence that culminate in deaths within the narrative, involving the characters Vó Vicência, Ponciá, and Bilisa. The analysis engages in dialogue with interdisciplinary theoretical studies, especially Black feminism, and also establishes connections between the fictional narrative and contemporary journalistic reports on violence against women. It is concluded that *Ponciá Vicêncio* transcends the limits of fiction by re-signifying real forms of violence, contributing to the construction of a critical awareness of femicide and reaffirming the centrality of memory, voice, and the resistance of Black women in confronting gender and racial inequalities.

Keywords: Femicide; *Escrevivência*; Female Resistance.

1 INTRODUÇÃO

Durante a última semana de novembro e o início de dezembro de 2025, o Brasil foi assolado por estarrecedoras notícias de violências contra mulheres, com um expressivo aumento de casos de feminicídio. As situações que descreveremos a seguir para ilustrar esse contexto que precisa ser denunciado, pode ser um **“Alerta de gatilho”**¹ para muitas pessoas, por isso, entendemos ser necessário trazer esse aviso inicial.

Em 21 de novembro, a morte da pesquisadora e estudante Catarina Kasten, encontrada assassinada em uma trilha em Florianópolis, foi noticiada como mais um caso emblemático de violência sexual e feminicídio, que mobilizou colegas e movimentos locais². Já em 29 de novembro, em São Paulo, Tainara Santos, de 31 anos, foi atropelada por um carro, dirigido por seu ex namorado, que não aceitava o fim do relacionamento entre eles. O motorista a atropelou e, intencionalmente, arrastou e acelerou o carro, com a jovem presa ao veículo. Ela sobreviveu e, além do trauma da situação, precisou amputar as duas pernas, por causa da gravidade das lesões³.

Também no dia 29 de novembro, dessa vez no Recife, Isabele Macedo, de 40 anos, após ser agredida, foi assassinada por seu então marido, Aguinaldo José Alves. Após violentar fisicamente a esposa, ele ateou fogo na própria casa, matando carbonizados a mulher e os quatro filhos, com idades entre 1 e 7 anos, e fugiu do local⁴. Em São Paulo, no mesmo sábado, Maria Katiane, de 25 anos, caiu do décimo andar do prédio onde morava. Entretanto, o marido que chorava copiosamente no velório se tornou o principal suspeito de ter assassinado a esposa, descartando que a

¹ Ao longo do texto, a expressão “Alerta de gatilho” foi utilizada para indicar trechos que retratam violência explícita

² Mais informações sobre esse crime podem ser consultadas na seguinte reportagem: <https://record.r7.com/fala-brasil/video/caso-catarina-karsten-assassino-confesso-ja-foi-denunciado-por-abuso-de-idosa-25112025/>. Acesso em: 10 dez. 2025

³ Mais informações em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/12/01/brasil-tem-mais-de-mil-casos-de-feminicidio-registrados-em-2025.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2025.

⁴ Mais informações em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/12/01/brasil-tem-mais-de-mil-casos-de-feminicidio-registrados-em-2025.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2025.

situação tenha sido acidental. Imagens das câmeras de segurança indicam que momentos antes do ocorrido, o homem tinha agredido fisicamente a esposa com muita violência, o que tornou o caso uma suspeita de feminicídio, dada a virulência das imagens gravadas e o histórico de agressões⁵.

Deve-se salientar que a população negra ainda é a que mais sofre com essa forma de violência. Segundo a pesquisa “*Quem são as Mulheres que o Brasil não protege*”, da Fundação Friedrich Ebert no Brasil, divulgada em novembro, o número de mortes de mulheres em razão do gênero cresceu 176% ao longo de dez anos, passando de 527 casos, em 2015, para 1.455. Desse total, 68% das mulheres assassinadas nesse período eram negras.

O romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, tem como cenário inicial a Vila Vicêncio, nomeada em referência ao antigo proprietário das terras, o coronel Vicêncio. No decorrer da narrativa, observa-se o deslocamento dos personagens para a cidade, motivado pela busca por melhores condições de vida. O eixo central da obra reside na herança simbólica deixada pelo avô Vicêncio à personagem Ponciá, herança essa marcada pela memória ancestral, pelo sofrimento e pelas marcas históricas da escravidão que se perpetuam entre gerações.

Quando Evaristo escreveu esse livro, o termo feminicídio ainda não existia. O feminicídio, dito de modo simples, é o assassinato de mulheres em razão de elas serem, justamente, mulheres. Ou seja, é quando, sobretudo, homens se acham no direito de tirar a vida das mulheres, porque no entendimento deles, elas lhes devem ser submissas, pertence a eles o direito de decidir sobre os corpos e subjetividades delas. Os casos inicialmente relatados ilustram um contexto de visibilidade e urgência política relacionados à última instância da violência de gênero, que é o feminicídio. “o feminicídio nomeia a violência letal e evidencia as causas das mortes misóginas de mulheres em todo o mundo, identifica e descreve as razões de gênero em que se assentam as mortes de mulheres”(ABREU, 2024).

Esse contexto macro de denúncias, urgências e resistências permite ler essas ocorrências contemporâneas não como fatos isolados, mas como manifestações de processos históricos mais amplos: controle social sobre corpos femininos, racialização da violência e produção de sentidos que naturalizam a eliminação de mulheres. É

neste ponto que a literatura se mostra também um instrumento privilegiado de análise: romances e narrativas ficcionais produzem representações que tornam visíveis (ao mesmo tempo em que denunciam) estruturas que, na esfera do jornalismo e da estatística, aparecem fragmentadas.

Neste estudo, buscamos justamente observar a articulação entre literatura e realidade social, a partir da compreensão de que o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2003) oferece um corpus frutífero para abordarmos, enquanto tema, as relações entre feminicídio, violência de gênero e racialidades, com base nas escrituras de Evaristo. Nessa obra, a autora traz uma narrativa centrada na voz de uma mulher negra que atravessa migrações — do campo à cidade — e que carrega experiências de subalternização, corporeidade vulnerável e violência simbólica e material. Desse modo, a escritora articula raça, gênero e classe, evidenciando a precariedade da vida e as práticas de exclusão que tornam certos corpos, sobretudo os de mulheres negras, mais expostos à violência.

O romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, narra a trajetória de uma mulher negra que migra do interior para a cidade grande, explorando sua busca por identidade, ancestralidade e pertencimento em um contexto marcado pelo racismo, pela pobreza e pela violência. A narrativa evidencia as marcas deixadas pela escravidão na vida dos descendentes de pessoas escravizadas, valendo-se de uma linguagem poética que articula passado e presente, memória e dor. Esse percurso culmina no retorno às origens e na reconexão da protagonista com suas raízes africanas e espirituais.

O romance apresenta como personagens centrais os membros da família da protagonista, incluindo sua mãe, seu pai, seu irmão, sua avó e seu avô. O pai trabalha na lavoura, espaço onde encontra a morte, enquanto a mãe, que trabalha com o barro, parte em busca dos filhos que migraram para a cidade, o que resulta em um desencontro entre eles. Os avós de Ponciá vivem em uma situação análoga à escravidão, revelando a permanência de estruturas opressoras no período pós-abolição. Em um momento de profundo desespero diante dessa condição, o avô Vicêncio acaba matando a esposa e, em seguida, automutilando-se, episódio que simboliza os efeitos extremos da desumanização imposta pela violência histórica da escravidão. Luandi, irmão de Ponciá, também sai da zona rural e vai para a cidade em busca da sua irmã e de uma vida melhor. Os personagens Bilisa, Nego Climério e

Soldado Nestor exercem papéis fundamentais no romance. Bilisa, assim como Ponciá, migra da zona rural para a cidade em busca de melhores condições de vida. Nego Climério é o cafetão para quem Bilisa trabalha como prostituta, representando uma das faces da exploração feminina. O Soldado Nestor, por sua vez, é amigo de Luandi, um policial negro, e contribui para sua inserção no trabalho na delegacia.

Conceição Evaristo, escritora mineira, doutora em literatura comparada e uma das autoras negras contemporâneas de maior destaque, tem em *Ponciá Vicêncio* (2003) o seu primeiro romance publicado, ainda que sua estreia literária tenha ocorrido em 1998, ao participar da coletânea *Cadernos negros*. Foi também essa autora quem cunhou o termo *escrevivências*, a partir do qual defende que a sua própria escrita, bem como a de outras escritoras negras, parte das experiências vivenciadas como mulheres negras, em cujas situações torna-se impossível dissociar-se do ser mulher e do ser negra (Evaristo, 2020) – o que nos leva, por sua vez, à discussão do feminicídio na ótica representada pela autora em *Ponciá Vicêncio*, considerando as *escrevivências* que trazem inter-relações da violência de gênero com as racialidades, enquanto denúncia e resistência a tais contextos.

É de suma importância destacar que a escritora Conceição Evaristo também possui obras voltadas ao público infantil, dentre as quais se destaca *Azizi, o menino viajante*. Ressalta-se a necessidade de respeitar a faixa etária das crianças no processo de introdução de temáticas relevantes, adequando-as ao nível de desenvolvimento e compreensão correspondente à idade.

No que concerne à justificativa para o desenvolvimento deste estudo, defendemos que a temática escolhida não apenas apresenta-se atual, como necessária, tendo em vista que urge a discussão sobre o feminicídio e as violências de gênero que sustentam esse crime. Além disso, a escolha de *Ponciá Vicêncio* decorre de sua potência crítica para a discussão sobre como a sociedade brasileira produz e naturaliza a violência sobre o corpo das mulheres, especialmente das mulheres negras. Numa sociedade patriarcal, muitas vezes regida pela lógica da posse masculina sobre as mulheres, torna-se urgente problematizar a prevalência desse tipo de violência.

De modo similar, na condição de docente em formação, defendemos que a *escrevivência* de Conceição Evaristo deve, cada vez mais, ocupar espaço nas práticas

pedagógicas e nas discussões literárias em sala de aula, visto que, no âmbito das escolas, sobretudo as públicas, muitas crianças e adolescentes vivenciam contextos de violência doméstica, física e psicológica, motivo pelo qual torna-se fundamental que, desde cedo, a juventude tenha contato com as obras de Evaristo, a fim de fundamentar uma resistência crítica contra a violência de gênero.

Destacamos, nesse sentido, que nosso estudo se desenvolve em torno da seguinte problemática central: Como as escrituras de Conceição Evaristo articulam raça, gênero e violência contra a mulher na representação do feminicídio? A partir daí, delineamos como objetivo central deste estudo analisar de que forma o feminicídio é representado no romance *Ponciá Vicência* (2003), considerando as relações entre feminicídio, violência de gênero e racialidades. Como objetivos específicos, pretendemos (I) abordar as semelhanças e divergências de três episódios de violência, que resultam em mortes presentes na narrativa; (II) identificar como a escritura de Conceição Evaristo denuncia estruturas de opressão patriarcal e racista que atravessam a vida das mulheres negras; e, por fim, (III) evidenciar como a obra ultrapassa os limites da ficção, ressignificando violências reais e promovendo consciência crítica, especialmente a partir da resistência negra feminina.

Para que tais objetivos sejam alcançados, a metodologia deste artigo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, alinhada à análise literária. A partir da leitura do nosso corpus, buscamos alinhar a narrativa romanesca, mais especificamente em três momentos de violência relacionados às personagens Vó Vicência, Ponciá e Bilisa, com estudos teóricos de caráter multidisciplinar, especialmente com aporte no feminismo negro.

É importante salientar também que este estudo é desenvolvido a partir da perspectiva de uma mulher negra, graduanda oriunda de um contexto socioeconômico precarizado e ingressante no Ensino Superior por meio da política de cotas. Essa posição, atravessada por marcadores sociais de desigualdade, fortalece o compromisso com a produção de conhecimento crítico e situado. Reconhecemos, assim, a academia como instrumento de conscientização, resistência e transformação social, capaz de ressignificar experiências historicamente silenciadas.

Com esta abordagem interdisciplinar, pretendemos, portanto, evidenciar que a ficção de Conceição Evaristo, ao recuperar histórias e dar voz a uma protagonista

racializada, problematiza as condições que permitem que, no presente, casos como os ocorridos em novembro e dezembro de 2025, continuem a ceifar vidas e a provocar um clamor coletivo por mudanças. Assim, este estudo, dividido em quatro seções e suas subseções, pretende contribuir para o fortalecimento das discussões sobre feminicídio e literatura negra, evidenciando a importância de narrativas que denunciam violações históricas e que reafirmam a centralidade da memória e da voz das mulheres negras na reconstrução de novas formas de existir, resistir e narrar.

2 AS MÚLTIPLAS FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Como forma de ilustrar o feminicídio crescente, abordaremos três casos representados no romance de Evaristo (2003), os quais podem ser vistos como crimes cometidos de forma distinta e com resultados semelhantes, que demonstram as diferentes faces da violência contra as mulheres negras.

Muitas mulheres morrem com a falta de informação correta dos seus direitos. Em 2015, a então presidente Dilma Rousseff sancionou a lei 13.104/15, que tipificou o crime de feminicídio, com diretrizes para investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres. Com o avanço na legislação, o presidente Lula assina a lei que modifica a anteriormente assinada por Dilma, “Em outubro de 2024, o presidente Lula sancionou a lei 14.994/24, que tornou o feminicídio um crime autônomo e reforçou medidas para prevenção e repressão da violência contra a mulher” (Migalhas, 2025).

É fundamental aprendermos a diferenciar homicídio de feminicídio. Ambos são crimes contra a vida humana e, por muito tempo, todos os casos de assassinato eram tratados como homicídio. Portanto, homicídio é crime contra qualquer pessoa, independentemente de crença, cor e gênero. Por sua vez, o feminicídio é o crime cometido contra mulheres pelo fato de serem mulheres. Sendo assim, consideramos que é importante explicar o surgimento do termo feminicídio, sendo uma classificação dos assassinatos de mulheres:

O termo ‘feminicídio’ (ou femicide, em inglês) foi popularizado pela socióloga e professora Diana E. H. Russell. Ela usou este termo pela

primeira vez publicamente em 1976, durante o 'Tribunal Internacional sobre Crimes contra Mulheres' em Bruxelas, Bélgica. [...] Russell (2011) consegue abranger e capturar a essência do problema. Ela amplia o conceito para além do ato de assassinato em si, situando-o dentro de um 'continuum' de violência sexista e terrorismo sexual contra mulheres e meninas (Jochimsen, 2023, p. 54).

É essencial trazer de forma breve os maus-tratos sofridos pela protagonista na obra aqui analisada, como uma forma de conscientização dos abusos que muitas mulheres sofrem caladas e que, por muitas vezes, terminam em feminicídio. Ponciá sofre violência doméstica, o que faz com que a protagonista se torne uma pessoa triste, calada, que, no decorrer da narrativa, chega a um ponto de enlouquecer, anda em círculos, em sua casa, o que chama a atenção dos vizinhos e do seu marido também.

Ponciá sofreu sete abortos. Nas primeiras perdas, ela não vai ao hospital, pois é cuidada em casa, um costume ancestral, já que muitas famílias pobres, que não tinham condições de ir a médicos, tratavam-se com os saberes das benzedadeiras.

Conceição Evaristo traz de forma explícita essa violência, com riqueza de detalhes, o que impressiona o leitor. O trecho apresentado a seguir contém uma abordagem forte. **Alerta de gatilho:** adiantamos que são passagens repugnantes, com violência explícita, que representam a realidade das mulheres, ainda na sociedade contemporânea:

Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (Evaristo, 2003, p. 19).

O trecho do romance representa não apenas a violência da agressão física, mas também toda a opressão e a violência simbólica e psicológica que recai sobre a personagem, inclusive obrigando-a a cozinhar para um homem que a agredia, dada a condição de subalternidade imposta às mulheres.

Essa passagem também remonta à crença popular que dizia que, se uma pessoa passasse por baixo do arco-íris, trocava de sexo. Ponciá não queria ser homem quando criança, pois via a matriarca da família dar ordens ao seu pai e ao seu irmão. Ela queria ser como sua mãe, ter voz no casamento, ditar as regras. Ser homem

era algo abominável para ela.

Um arco-íris bonito, inteiro, bipartida a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo. Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino (Evaristo, 2003, p. 14).

Quando Ponciá começa a ser agredida e violentada pelo marido, em que o sexo já não era mais uma troca de prazer, mas apenas um “abrir de pernas” para o marido, e seu marido a bate de forma desumana, fazendo-a sangrar o nariz e a boca, Ponciá, então, quer ser homem, pois, sendo homem, ela não passaria por tamanho sofrimento. **Alerta de gatilho:** “Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos e lembranças, levantou-se, endireitando as costas que ardiavam pelo soco recebido do homem, e foi vagorosamente arrumar a comida [...]” (Evaristo, 2003, p. 22). Nesta passagem, podemos notar que, depois de todas as agressões, Ponciá vai novamente cozinhar para o marido.

Muitas mulheres vivem em seu cotidiano uma vida semelhante à da protagonista, sendo agredidas de forma física e psicológica e sofrem com a subserviência imposta por seus parceiros. Em um trecho em que o marido de Ponciá quase a mata, podemos perceber as fragilidades e sofrimento da personagem. **Alerta de gatilho:**

Houve época em que ele bateu, esbofeteou, gritou [...] quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-lhe, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado (Evaristo, 2003, p. 82-83).

Dessa forma, a trajetória de Ponciá Vicêncio se torna representativa da luta de muitas mulheres negras, cujas vivências de violência não são meramente individuais, mas fruto de estruturas históricas de dominação. Ao narrar essas violências de forma crua, porém sensível, Conceição Evaristo não apenas denuncia o feminicídio como consequência do patriarcado, mas também reivindica a escrita como um ato de reparação e resistência.

A seguir, ao analisar os três casos de feminicídio na obra, buscamos compreender como a escritora, nesse romance, transforma a dor em denúncia social

e em escrita de resistência. Desse modo, reafirma a potência da literatura como instrumento de conscientização, denúncia e resistência.

2.1 A violência cotidiana nas manchetes: Ecos da realidade em *Ponciá Vicêncio*

Quando a narrativa do romance de Evaristo (2003) destaca que a protagonista apreciava a leitura e chegava a decorar trechos de jornais, uma reportagem em particular chama a atenção. Conforme descrito no meio de outras notícias, estava ali representada aquele que trazia uma reportagem sobre o feminicídio. **Alerta de gatilho:**

Pedreiro mata a mulher com quinze facadas

O pedreiro Antônio Gonçalves, enciumado porque a mulher conversava com o vizinho, chegou ontem em casa embriagado e desferiu quinze facadas contra a mulher, na presença de seus dois filhos de cinco e de três anos. A vítima morreu no local do crime. (Conceição Evaristo, 2003, p. 78, grifos da autora)

Ainda que a obra apresente outras matérias jornalísticas, destacamos como, ao se deparar com essa notícia, a protagonista Ponciá Vicêncio estabelece uma correlação direta entre o conteúdo veiculado e sua própria experiência de vida. Embora descarte o material, as sequelas das reflexões desencadeadas pelas manchetes se imprimem em sua consciência e em seu corpo. Ela passa a idealizar o retorno ao vilarejo de origem, onde almeja viver com liberdade e reconectar-se ao trabalho ancestral com o barro.

Assim como ocorre no cotidiano, reportagens como essa se tornam corriqueiras e naturalizadas na sociedade, evidenciando a banalização da violência contra a mulher-observamos, por exemplo, quantas notícias midiáticas encontramos sobre os casos de violência descritos no começo de nossa Introdução. O crime de feminicídio, frequentemente, inicia-se de maneira disfarçada, sob gestos de suposto cuidado, demonstrações de ciúmes ou controle, até se transformar em violência física e, em muitos casos, no assassinato da mulher.

A autora, ao incluir esse trecho na narrativa, denuncia a permanência de um ciclo de violência que atravessa gerações, classes e contextos. O feminicídio, portanto, não é apresentado apenas como um evento isolado, mas como reflexo de uma estrutura social que ainda legitima comportamentos machistas e relações de poder desiguais.

É importante destacar uma frase específica dessa manchete “[...] *na presença de seus dois filhos de cinco e de três anos*” (Conceição Evaristo, 2003, p. 78, grifos da autora), o que se enquadra como agravante do crime de feminicídio, conforme a lei brasileira, quando é cometido na presença de pais ou dos filhos da vítima (Agência Senado, 2024), causando sequelas permanentes nas crianças e familiares. Quando uma criança presencia um crime desse tipo, as sequelas refletem na escola no convívio social e em sua vida, podendo ocasionar expressivo adoecimento mental.

Além do desamparo material e afetivo que advém de uma morte violenta, quando se trata de um evento de violência letal, como é um feminicídio consumado (mesmo na sua modalidade tentada), cuja mulher atingida é a mãe da criança ou da/do adolescente, as implicações são mais graves, com severas consequências sociais (como abrigo, institucionalização e estigmatização) e pessoais (ansiedade, depressão, doenças somatizadas, comprometimento do desenvolvimento, pesadelo e transtornos dos mais diversos) (Placha Sá *et al.*, 2023, n. p.).

Atualmente, com o acesso às mídias sociais, grande parte da população tem a possibilidade de ter contato com informações acerca de crimes cometidos no dia a dia. Portanto, é de suma importância que as mídias se comprometam em passar informações que não desinformem aos telespectadores.

Com a fácil manipulação de seus usuários a mídia possui uma enorme arma em suas mãos, conhecida como ‘quarto poder’. Em casos de grande repercussão social, a mídia se torna extremamente perigosa ao explorar determinados crimes, visando alcançar lucros e, assim, prejudicando o bom desenvolvimento do processo (Vilela; Gasparoto, 2024, p.161).

Podemos concluir, desse modo, que a violência cometida contra a mulher possui consequências que não se restringem à vítima, mas recaem também em sua família. O impacto é particularmente nos filhos da vítima, que, quando expostos ao ambiente de violência doméstica ou, no caso extremo do feminicídio, à perda da figura materna, são obrigados a mudarem suas vidas e se reorganizarem em arranjos familiares alternativos, intensificando sua vulnerabilidade psicossocial e a interrupção de seus laços afetivos com sua mãe.

2.2 Vó Vicência: A matriarca silenciada pela violência

Vô Vicêncio vive em uma situação de extrema opressão, marcada pela herança da escravidão. Mesmo após a implantação das leis abolicionistas, sua vida e a de sua família permanecem submetidas às estruturas do sistema escravista. Seus filhos nasceram sob a vigência da Lei do Ventre Livre, mas, como muitos outros, foram vendidos e exportados, perpetuando o ciclo de servidão:

Os engenhos de açúcar enriquecem e fortalecem o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher, os filhos viviam anos e anos nessa lida. [...] Nascidos do "Ventre Livre", entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos (Evaristo, 2003, p. 44).

Essa condição de sofrimento extremo culmina em um ato trágico, o assassinato da própria esposa, configurando o primeiro episódio de feminicídio na narrativa. **Alerta de gatilho:** “Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão” (Evaristo, 2003, p. 44-45). O gesto de Vô Vicêncio não representa apenas um crime individual, mas o desespero coletivo de um povo que, mesmo livre por lei, continuava aprisionado por estruturas sociais e psicológicas herdadas da escravidão. Sua tentativa de suicídio simboliza o desejo de romper com o ciclo de dor e subjugação, mas o ato violento recai sobre o corpo feminino. Podemos, nesse sentido, observar que, tal como ele tem a sua liberdade restringida, sendo esta decidida pelos senhores escravocratas, ele age de forma similar em relação à sua esposa, a Vó Vicência, tirando dela a autonomia, a subjetividade, a vida.

Ainda que se possa compreender o desespero de Vô Vicêncio diante da opressão, é preciso adotar um olhar crítico sobre o sentimento de posse que os maridos mantêm em relação às esposas. A partir dessa perspectiva, é possível estabelecer um paralelo com os abusos sofridos por Ponciá. Mesmo sem culminar em sua morte física, o marido da protagonista comete um feminicídio simbólico, ele mata seus sonhos, sua alegria e sua vontade de viver, tal como, de modo literal, Vó Vicência tem sua vida interrompida pelos desmandos de seu marido. Ponciá, por sua vez, frente às reiteradas agressões, transforma-se em uma mulher silenciosa, submissa e emocionalmente esvaziada.

nós, mulheres [...], somos convocadas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história (González, 2020)

Ao abordar as vidas de mulheres negras, é imprescindível reconhecer que historicamente foram submetidas a regimes de exploração, objetificação e controle. No romance de Conceição Evaristo (2003), a violência aparece como um fenômeno estrutural e contínuo, não como ato isolado. Assim, a autora denuncia a permanência do machismo e do racismo na sociedade brasileira, revelando como o passado escravocrata se infiltra no presente e molda as experiências femininas negras.

Esse episódio sofrido por Vó Vicência inaugura uma linhagem de dor e resistência que atravessa gerações e ecoa nas vivências de Ponciá e de outras mulheres negras representadas na obra. Na próxima seção, analisaremos um caso concreto de feminicídio noticiado pela mídia, evidenciando como a violência contra a mulher negra, por vezes, passa despercebida ou é naturalizada.

2.3 A história de Bilisa: Corpo, trabalho e vulnerabilidade feminina

A personagem Bilisa, no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), representa um caso emblemático de escravidão contemporânea, evidenciada pelas condições em que exerce a prostituição. Embora a atividade em si não seja crime quando ocorre de forma voluntária, como estabelece Pinheiro (2020, p. 34) ao afirmar que “não é crime manter um estabelecimento no qual sejam oferecidos serviços sexuais, desde que quem esteja se prostituindo não esteja sendo forçado nem seja vulnerável”, o contexto que envolve Bilisa revela uma realidade distinta, Sua inserção no universo da prostituição ocorre motivada pelo desejo de ascensão econômica, mas rapidamente se transforma em um ciclo de dependência e exploração, marcado por dívidas impagáveis e controle coercitivo.

Personagens como Negro Climério evidenciam o papel de cafetões que lucram

com a exploração sexual de mulheres, atividade esta que se estende até a atualidade.

Bilisa é uma das personagens que mais evidencia a permanência das estruturas de opressão na sociedade brasileira, articulando racismo, machismo e desigualdade socioeconômica. Assim como Ponciá, ela migra da zona rural para a cidade em busca de melhores condições de vida, mas rapidamente se depara com os limites impostos pela falta de escolaridade e pela rigidez das hierarquias sociais. Sem outras alternativas, Bilisa acaba inserida no trabalho doméstico, uma ocupação historicamente destinada às mulheres negras desde o período pós-abolicionista e posteriormente na prostituição.

Essa trajetória evidencia como, ao tentarem romper com a pobreza e com a realidade rural, essas mulheres acabam reafirmando, mesmo que involuntariamente, os padrões de marginalização impostos às mulheres negras no Brasil. A cidade, que deveria representar um espaço de novas possibilidades, funciona como mecanismo de atualização de velhas formas de exploração.

No contexto de seu trabalho doméstico, Bilisa desenvolve uma relação afetiva e sexual com o filho da patroa, o que reforça a ambiguidade das relações de poder que cercam as mulheres negras na casa grande contemporânea. Essa relação, porém, culmina em um episódio de violência patrimonial: após anos economizando para trazer sua família para a cidade, Bilisa constata o desaparecimento de todo o dinheiro guardado. O filho da patroa, que tinha acesso ao quarto dela, inclusive dormindo ali algumas vezes, torna-se seu principal suspeito.

Ao manifestar essa suspeita, Bilisa é confrontada com a recusa veemente da patroa em considerar a possibilidade de que seu filho fosse o responsável. Esse episódio revela o quanto as relações de submissão e poder continuam estruturando a vida das mulheres negras. Como afirmam Silva e Conte (2023, p. 7), “as relações de submissão, opressão e poder constituem ferramentas de ódio que maquinaram, ao longo dos séculos, a exclusão e o abuso do corpo negro”.

A tolerância da elite em relação à exploração sexual das mulheres negras demonstra a permanência de padrões escravocratas. Contudo, quando essa estrutura é questionada como no momento em que Bilisa acusa o filho da patroa, ocorre uma ruptura inaceitável para a moral dominante. O episódio evidencia a fragilidade das

conquistas da personagem, que, mesmo após anos de trabalho, vê-se novamente destituída, marcada por sentimento de frustração e desamparo.

Trabalhou muito, juntou algum dinheiro com o propósito de voltar para casa para buscar o pai, a mãe e os irmãos.. Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos. Biliza se desesperou. Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela. [...] A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. [...] Biliza não encontrou o dinheiro e nunca mais viu o filho da patroa (Evaristo, 2003, p. 84).

Diante da dificuldade em economizar dinheiro, Bilisa decide ingressar na prostituição. Inicialmente, essa escolha é motivada pela expectativa de obter rapidamente riquezas. Contudo, a estratégia logo se revela ineficaz para a superação de sua condição de subalternidade. Ao perceber que sua autonomia é ilusória, Bilisa conclui que seus ganhos continuam condicionados à exploração, já que parte do dinheiro é repassado à dona do estabelecimento e ao cafetão, Negro Climério.

Essa dinâmica evidencia como a escravidão permanece entranhada nas estruturas sociais contemporâneas. Mulheres como Bilisa são submetidas a condições análogas à escravidão, trabalhando exaustivamente em benefício de terceiros, sem qualquer possibilidade real de ascensão. Em uma sociedade democrática, o trabalhador teoricamente poderia abandonar uma atividade que não atende às suas necessidades, mas, na prática, essas mulheres se veem aprisionadas a uma lógica de exploração contínua.

Bilisa, Luandi migra da zona rural para a cidade, motivado, no entanto, pelo desejo de reencontrar a irmã. Apesar de estar há cinco anos na prostituição, Bilisa não conseguiu acumular nenhuma quantia significativa, o que reforça a ideia de que essa atividade, longe de representar autonomia, perpetua sua fragilidade econômica.

Luandi, ainda que não conte com o apoio de seu amigo policial, o Soldado Nestor, que afirma que “dama” não é mulher para se casar, decide seguir seu sentimento e chama sua amada de Bilisa-estrela. Esse apelido remete à memória afetiva de seu pai, que dizia que mulheres eram como estrelas. O casal, apesar dos obstáculos, alimenta sonhos de construir uma vida juntos. No entanto, o destino de

Bilisa é tragicamente selado pela brutalidade. Sua tentativa de abandonar a prostituição e construir uma relação amorosa é interrompida por um feminicídio cometido pela figura que deveria protegê-la. Esse crime, além de extinguir suas possibilidades de reconstrução, simboliza a perpetuação de padrões históricos que mantém as mulheres negras em uma condição de constante vulnerabilidade, sendo alvos privilegiados de violência e destruição socioeconômica.

O assassinato de Bilisa é uma passagem que impacta profundamente o leitor. Conceição Evaristo constrói com sensibilidade o percurso de uma mulher que sonhava em uma vida diferente ao lado de Luandi: “Ela queria preparar tudo, dizia que ia fazer um lindo enxoval, entre a chegada e saída dos homens que vinham para visitá-la. Mas, em meio a tanta alegria, Biliza-estrela revelou um temor. Havia uma pendência e ela não sabia como resolver” (Evaristo, 2003, p. 96), que era justamente a dívida com Negro Climério, o cafetão que a explorava. Ele controlava parte de seus ganhos e mantinha uma relação de poder baseada no medo, mecanismo semelhante ao usado nos tempos de escravidão, em que as dívidas eram criadas para impedir qualquer possibilidade de liberdade.

Ao descobrir o desejo de Bilisa de abandonar a prostituição, Negro Climério, tomado pelo ciúme e pelo sentimento de posse sobre o corpo da jovem, comete o feminicídio. **Alerta de gatilho:**

Do casarão, alguém chamava por Luandi com gestos aflitos, enquanto da janela de Biliza outros acenavam para ele e para Negro Climério. Luandi não entendia nada[...] e foi o tempo exato de tomá-la nos braços [...] Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro Climério havia matado sua Biliza-estrela. Matou a mulher! Matou a sua mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz (Evaristo, 2003, p. 97).

Portanto, a trajetória de Bilisa, no romance *Ponciá Vicêncio*, revela-se como uma luta persistente por mudança, marcada pela busca de emancipação através da migração e de diferentes formas de trabalho do labor doméstico à prostituição. No entanto, suas tentativas são anuladas pelas forças estruturais do racismo, do patriarcado e da exploração econômica. O feminicídio que encerra sua história não representa apenas uma tragédia individual, mas a materialização extrema da violência estrutural que nega às mulheres negras o direito à autonomia, ao afeto e à vida digna.

O luto de Luandi, ainda que o agressor seja punido pela lei, funciona como um alerta, para as mulheres negras, de que a justiça formal não basta. É necessária uma educação transformadora que respeite todas as pessoas, independente de gênero, classe ou religião, para que vidas como a de Bilisa possam existir com dignidade e respeito.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, evidenciamos a potência da literatura como instrumento de denúncia social e de resistência, especialmente quando produzida a partir de experiências historicamente silenciadas. Nesse sentido, o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, reafirma o papel da escrita literária como espaço de enfrentamento ao racismo, ao patriarcado e às múltiplas formas de violência que atravessam a vida das mulheres negras na sociedade brasileira. Por meio da escrevivência, Evaristo desloca a narrativa do campo estritamente ficcional e a inscreve em uma dimensão ética e política, na qual a experiência individual se articula à memória coletiva e à crítica social.

Com a análise do romance, buscamos compreender que as situações de violência e os feminicídios representados na obra não se configuram como eventos isolados, mas como expressões de uma estrutura social marcada pela intersecção entre gênero, raça e classe. As trajetórias das personagens revelam como a vulnerabilização dos corpos femininos negros é historicamente produzida e sustentada por práticas racistas e patriarcais que naturalizam a desigualdade e a violência. Ponciá, enquanto personagem-síntese, representa inúmeras mulheres negras brasileiras que, embora submetidas a processos contínuos de opressão, exclusão e silenciamento, constroem formas de resistência e de (re)existência a partir de suas próprias experiências.

Nesse sentido, defendemos que a escrevivência se configura como uma estratégia narrativa que rompe com estereótipos e com a lógica de objetificação da mulher negra, ao reinscrevê-la como sujeito de sua própria história. A escrita de Conceição Evaristo transforma a dor em linguagem, a memória em denúncia e a narrativa em ação política, contribuindo para uma leitura crítica dos mecanismos que sustentam o feminicídio e a violência de gênero racializada. Assim, compreendemos

que a literatura ultrapassa a função representacional e passa a operar como um dispositivo de conscientização e resistência.

Ressaltamos, ainda, a relevância de obras como *Ponciá Vicêncio* no campo educativo, uma vez que a presença de narrativas produzidas por mulheres negras favorece a formação de leitores críticos e sensíveis às desigualdades sociais. A articulação entre literatura e educação possibilita a problematização das múltiplas faces da violência de gênero e do racismo estrutural, estimulando reflexões que podem contribuir para a construção de práticas sociais mais justas e inclusivas.

Concluimos, portanto, que *Ponciá Vicêncio* constitui uma obra fundamental para a compreensão das relações entre feminicídio, violência de gênero e racialidades no Brasil. Ao dar centralidade às escrituras, Conceição Evaristo reafirma a importância da memória, da representatividade e da luta das mulheres negras por dignidade, voz e justiça. Em um contexto social que, apesar dos avanços tecnológicos, ainda reproduz lógicas excludentes e violentas, compreendemos as escrituras como formas de resistência e como convites à transformação, iluminando os caminhos de mulheres negras que, como Ponciá, seguem reivindicando seus espaços e narrando suas próprias histórias.

4. REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Claudia da Silva. Feminicídio: uma categoria analítica dos estudos de violência de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT ESTUDOS DE GÊNERO DA ANPUH/BRASIL, 6., 2024, Salvador. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2024. p. 1-16. Disponível em: <https://www.engteg.anpuh.org/>. Acesso em: 15 jan. 2026.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; BEZERRA, Simone Maria. Escrivência: escrita, identidade e o eu feminino negro em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. *Revista Rios: Revista Científica da FASETE*, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/22/escrivencia>. Acesso em: 24 out. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais Feminicídio**: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres, Brasília – DF, 2016. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf. Acesso em: 10 dez. 2025.

BRASIL. Senado Federal. **Lei que pune feminicídio com até 40 anos de reclusão entra em vigor**. Brasília, DF, 10 out. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/10/10/lei-que-pune-feminicidio-com-ate-40-anos-de-reclusao-entra-em-vigor>. Acesso em: 25 out. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **STF confirma por unanimidade que a mulher tem direito a ter o nome de solteira restabelecido após divórcio**. Portal do STF, Brasília, DF, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=511556&ori=1>. Acesso em: 20 set. 2025.

ENGEL, Cíntia Liara. A violência contra a mulher. *In*: FONTOURA, Natália; REZENDE, Marcela; QUERINO, Ana Carolina (Org.). **Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2020. p. 159-215.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade. *In*: EVARISTO, Conceição; SILVA, Denise Almeida (org.). **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana**. Frederico Westphalen: URI, 2011.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. Da representação à autoapresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**. [S. l.], p. 52-57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-72.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025**. Rio de Janeiro: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025.

GALTUNG, J. Violencia, guerra y su impacto: sobre los efectos visibles e invisibles de la violencia. **Polylog**, 2004. Foro para filosofía Intercultural. Disponível em <http://them.polylog.org/5/fgj-es.htm>. Acesso em: 20 set. 2025.

GASPAROTO, Carlos Henrique; VILELA, Maria Eugênia Marçal. A influência das mídias nos processos criminais: uma análise acerca do poder midiático na divulgação de casos de alta repercussão. **Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca**, Franca, v. 9, n. 1, dez. 2024. DOI: 10.21207/2675-0104.2024.1640. DOI: <https://doi.org/10.21207/2675-0104.2024.1640>.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBDFAM. Instituto Brasileiro de Direito de Família. **Lei Maria da Penha completa 19 anos com altos índices de violência**. Belo Horizonte, 7 ago. 2025. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/13125/Lei+Maria+da+Penha+completa+19+anos+com+altos+%C3%ADndices+de+viol%C3%AAncia>. Acesso em: 25 out. 2025.

JOCHIMSEN, Paola Karyne Azevedo. Entre a realidade e a ficção: o feminicídio em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. **Entrelaces**, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/92498/250438>. Acesso em: 25 set. 2025.

LIMA, Omar da Silva. Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente (crítica). **LITERAFRO: Literatura Afro-Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-femininos/194-conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica>. Acesso em: 26 set. 2025.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4137>. Acesso em: 26 set. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, jul. /dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em: 10 dez. 2025.

MIGALHAS. LEI do feminicídio completa 10 anos como marco de defesa às mulheres. **Migalhas**, [S. l.], 9 mar. 2025. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/425888/lei-do-feminicidio-completa-10-anos-como-marco-de-defesa-as-mulheres>. Acesso em: 27 out. 2025.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Lucros anuais do trabalho forçado ascendem a 236 mil milhões de dólares**. Genebra, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/lucros-anuais-do-trabalho-for%C3%A7ado-ascendem-236-mil-milh%C3%B5es-de-d%C3%B3lares-novo>. Acesso em: 26 out. 2025.

PIETRANI, Anélia Montechiari; SOUZA, Agda Beatriz de. A herança de Vô Vício: escravização, memória e (des)construção do “eu” em um Bildungsroman negro-brasileiro. *Dossiê As escrituras de Conceição Evaristo*, Sinop, v. 16, n. 44, p. 307–327, jul. 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373878852>. Acesso em: 24 out. 2025.

PINHEIRO, Fernanda Regina Martins. “**Ponciá Vicêncio**”, de **Conceição Evaristo**: atravessamentos identitários e experiências negro-femininas. São Luís, 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Maranhão. Disponível em: <https://www.mestradoletras.uema.br/>. Acesso em: 25 out. 2025.

PLACHA SÁ, P.; MACHADO, B.; MENDES, S. Mãe morta, pai preso: crianças e adolescentes em contextos de feminicídio no estado do Paraná. *Oñati Socio-Legal Series*, Oñati, v. 13, n. 5, 2023. DOI: 10.35295/osls.iisl.1629. Disponível em: <https://doi.org/10.35295/osls.iisl.1629>. Acesso em: 25 out. 2025.

POGGIO, Inês Soares Nunes. A construção das relações de gênero. *In*: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. p. 88-101.

ROMIO, Jackeline. Quem são as mulheres que o Brasil não protege? Realização: Friedrich Ebert Stiftung; Secretaria Nacional de Mulheres do PT; Elas por Elas, 2025.

PUREZA, José Manuel; MOURA, Tatiana. Violência(s) e guerra(s): do triângulo ao continuum. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, v. 37, p. 45-63, 2005. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/13040>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CONTE, Daniel. Existência e (re)existência nas personagens evaristianas. *Organon*, Porto Alegre, v. 38, n. 75, p. 1–15, jan./jul. 2023. DOI: 10.22456/2238-8915.131037.

VIGANO, Samira de Moraes Maia; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero. *História*, [S. l.], v. 38, e2019054, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019054>. Acesso em: 10 dez. 2025.